



## O Processo Comunicacional na Festa Popular de Santo Antônio, no Sertão do Ceará<sup>1</sup>

Josuel Mariano da Silva Hebenbrock<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente trabalho busca mostrar as diversas fases da festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio<sup>3</sup>, bem como o sacrilégio vivido pela comunidade de carregadores do “Pau de Santo Antônio”, na cidade de Barbalha – CE – pesquisada *in loco*. Além disso, atém-se a discutir, sob o ponto de vista da Igreja e do Popular, a relação estabelecida entre o sagrado e o profano. Para tanto, faz uso dos métodos observacional e narrativo. Já o embasamento teórico se apóia nos estudos de Gonzales (1981), Marques de Melo (2008) e Beltrão (1980), pelo fato de tratarem dos processos comunicacionais, e, ainda, Cariry & Barroso, (1982), *et al*, por conceituarem as manifestações culturais sob a égide carnavalesca contemporânea. Na conclusão, o trabalho procura também problematizar ‘a midiatização das festas populares’, tema de um próximo artigo.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; Processo Comunicacional; Festa Popular; Pau da Bandeira.

### 1. Introdução:

O Cariri cearense, localizado no sul do Estado, juntamente com a cidade de Canindé, situada no Sertão Central, forma o maior dueto religioso da região. Essa religiosidade é observada no dia a dia das comunidades nos altares domésticos, nas entradas das lojas, nos para-brisas de carros, nas vestimentas dos devotos, nos nomes de batismo, ou o nome de um santo trazido pelos devotos, e, é claro, na arte santeira grandemente praticada. Tudo é bem visto nas multidões de fiéis aglomeradas nas festas religiosas de cada cidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), Canindé é considerado o destino da segunda maior peregrinação no mundo devotada à São Francisco (superada apenas pela peregrinação em direção à Assis, na Itália, terra natal do Santo). Isto por conta de, de 26 de setembro a 4 de

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT4 – Comunicação Audiovisual do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Doutorando em comunicação Política pela Universidade Pompeu Fabra de Barcelona – Espanha, email: mariano.hebenbrock@gmail.com



outubro (dia de São Francisco), cerca de 2,5 milhões de pessoas visitarem a cidade, e, embora hajam peregrinos de todas as classes sociais, a imensa maioria é de pessoas humildes.

Por conta desta grande devoção e alta concentração de fiéis nesta região do Brasil, a Igreja de São Francisco de Canindé, o Vaticano elevou-a ao status de Basílica, termo este reservado apenas aos principais destinos de peregrinos cristãos em todo o mundo, e, também, por ser considerado o maior santuário franciscano no continente americano.

Além de tudo, a maioria dos fiéis demonstra sua fé e gratidão através de uma expressão típica da cultura religiosa nordestina: os [ex-votos](#)<sup>4</sup>, e, ainda, os objetos feitos geralmente em madeira, a representarem o resultado positivo da promessa ou pedidos atendidos pelo santo. Este mesmo *actus fidei* pode ser observado nas romarias de Juazeiro do Norte, especialmente na de finados (de 29 de outubro a 02 de novembro), como também na procissão de Nossa Senhora da Penha, cidade do Crato, (1.º de setembro), e no ‘Pau da Bandeira de Santo Antônio’: umas das maiores festas populares do Ceará, a qual inicia-se em 28 de maio – com quermesses, leilões, apresentações folclóricas simultâneas por diversos pontos da cidade e shows – e termina no dia 13 de junho com uma grande procissão ao santo padroeiro da cidade, Santo Antônio.

Tal devoção popular desperta curiosidade pela semelhança entre alguns lugares de peregrinação, pois, foram cenários de mortes e lutas marcadas por sofrimento. Portanto, este artigo, restringe-se apenas à festa popular do ‘Pau da Bandeira’, como um recorte do documentário ‘Mãos Sãs, Corpos Sãos’ – apresentado na 1.ª Mostra Audiovisual, em Juazeiro do Norte, e, também, no Banco do Nordeste do Brasil – Cariri, no início de 2010, o qual retrata todas as etapas da festa: a escolha do pau, passando pelo corte, chegando ao cortejo, encerrando, pois, com a grande procissão e demais manifestações culturais que a permeia.

Dessa forma, ressalva-se ser o objetivo deste trabalho descrever as várias facetas da festa, presenciadas *in loco* (a produção da bandeira de Santo Antônio, hasteada no dia do cortejo do pau, as trezenas na igreja matriz da Cidade de Barbalha, a quermesse, os shows, e os preparativos da festa com os carregadores do pau) e, através de embasamentos teóricos, analisar os processos comunicacionais da festa.

Para isso, faz-se necessário trabalhar com os conceitos ‘Festa Popular’ e ‘Folkcomunicação’ dentro de uma ótica contemporânea, entrecruzando, pois, conhecimentos de estudiosos do tema, bem como a vivência da comunidade de



carregadores do pau da bandeira, como enfatiza um dos carregadores, o eletricitista Joel Freitas:

A missão de carregar passei para o meu filho. Sou devoto e já alcancei não apenas a graça do casamento, mas diversas graças na minha vida por causa da fé nele. Essa festa é uma grande confraternização. Somos todos irmãos e com certeza vou ensinar isso para os meus netos<sup>5</sup>.

Na perspectiva da Folkcomunicação, pauta-se o debate em interpretações e significados desse fenômeno de instituição de santuários.

Assim, o artigo está limitado a uma pesquisa exploratória, usando, desse modo, o método observacional e narrativo, tendo a intenção de compartilhar alguns aspectos a envolver a religiosidade barbalhense em algumas formas de comunicação, lembrando com Bourdieu (1996) que ‘as relações de comunicação implicam relações de poder simbólico’.

Como base teórica, utiliza-se de ensinamentos de estudiosos os quais tratam as festas populares como ‘processos comunicacionais’, ‘espaços sociais’, e, por último, uma festa mercantil como uma ‘espetacularização popular’. Ei-los: Beltrão (1980); Gonzales (1981); Marques de Melo (2008); Durkheim (1968); Geertz (1971).

Sobre o aporte social do trabalho, salienta-se estar este apoiado em teóricos e pesquisadores locais conceituadores das manifestações culturais sob a égide carnavalesca contemporânea, dentre os quais merecem destaque: Cariry & Barroso (1982); Figueiredo Filho (1962) e Finheiro (1950).

Por fim, ainda serão enfatizadas as narrativas transcritas dos entrevistados, as quais darão veracidade tanto ao artigo quanto ao documentário, bem como, nas considerações finais, onde serão feitos registros factuais, incluindo nestas elementos interpretativos do objeto estudado.

## **2. Santo Antônio – Padroeiro de Barbalha entre o sagrado e o profano**

As linhas que seguem têm como objetivo analisar a festa do Pau da bandeira dentro do contexto sagrado-profano, ou seja, igreja *versus* povo.

No Brasil, as festividades católicas são normalmente chamadas ‘festas de padroeiros’. Segundo Alba Zaluar (1980), as festas de santo fazem parte de um sistema



de reciprocidade com divindades cósmicas em um sistema socialmente construído pelos homens, como parte integrante de sua própria visão de mundo.

Além desta estudiosa, Mircea Eliade (1992) enfatiza ser o estudo da religião extremamente necessário, nos tempos atuais, para se entender o mundo moderno, mostrando ainda que, até mesmo o homem a-religioso, guarda dentro de si marcas inconscientes de um passado em que a religião ditou normas/regras em quase todo o viver humano. Afirma também serem essas marcas tão intensas a ponto de, através delas, ser possível a explicação de certos comportamentos, mesmo daqueles rebeldes a qualquer tipo de religião.

A priori, a festa é uma realização da igreja e das elites locais, na qual são priorizados os aspectos rituais da liturgia cristã e a manutenção dos valores da propriedade de bons costumes.

Sobre o papel da igreja na festa do “Pau de Santo Antônio”, a fala do Pe. Renato Semoneto, da matriz de Barbalha, esclarece o sentido sagrado da festa:

A festa não é algo recente! Existe um documento na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que nos faz uma referência à festa de número 299. A festa de Santo Antônio em uma cidade predominantemente católica tem outra conotação. A festa focaliza o santo, porém o santo, não é o fim, o santo é o meio, pois, pela devoção ao Santo Antônio, o devoto volta-se cada vez mais à realidade que é Jesus, ou, se quiserem em uma maneira mais generalizada, volta-se para Deus. A festa em si é apenas uma celebração anual, querendo voltar-se a uma visão mais ampla e o objetivo é a nossa fé.<sup>6</sup>

Em outros termos, para o Pe. Semoneto, a festa é uma forma específica de materialização de uma fé, mesmo ela assumindo em vários momentos, na sua essência, a força da comunicação simbólica<sup>7</sup>. Essa mistura entre o sagrado e o profano pode ser observada, teoricamente, logo abaixo, a partir de aspectos como: a carga emocional, o lúdico, o mágico, a socialização:

(...) toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. [...] Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se freqüentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito (DURKHEIM, 1968: 547-8).



Em Durkheim, três elementos já podiam ser notadamente verificados nos estudos sobre a festa: ‘a transgressão das normas sociais’, ‘a coesão do grupo social’ e ‘a produção de um estado de efervescência coletiva’.

Nesse sentido, na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio ou “Pau de Santo Antônio”, percebe-se haver uma participação massiva das camadas mais populares: mestres de obras, homens trabalhadores, executores de atividades simples, tais como: feirantes, topiqueiros, homens do campo, etc. A seguir, buscaremos demonstrar as várias etapas da festa.

Pesquisadores como Oliveira Martins & Edwilson Freire (2005), que já escreveram sobre a Festa do Pau da Bandeira, acreditam que a festa tem início, oficialmente, no último domingo de maio ou, no primeiro domingo de junho, opinião não compartilhada pelos carregadores do pau. Para estes, a festa começa mesmo no dia da escolha do pau, ou seja, três semanas antes da abertura oficial. Neste dia, um grupo seleta de carregadores, apenas homens, encabeçados pelo “capitão do pau” se encontra às 05:00 horas da manhã em frente ao mercado público de Barbalha, para principiar a caminhada de aproximadamente sete quilômetros em direção ao Sítio São Joaquim, local onde haja uma árvore de idade adulta não protegida pelo IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais – a ser escolhida e extraída.

O ritual da escolha se dá, primeiramente, com uma oração a santo Antônio, momento das petições e gratidões pelas bênçãos. Após a prece, o grupo de carregadores se divide em busca da árvore a servir de haste à bandeira do santo padroeiro. Porém, antes disso, todos se juntam na mata e as primeiras garrafas de cachaças são abertas, pois, a árvore a se sacrificar deve ser celebrada com muita cachaça, comida e, seguida, com muitas brincadeiras entre os carregadores como: banho de lama, simulações de brigas e banho de areia.

O próximo passo, antecedente à data oficial da festa, é o dia do corte: quinze dias antes do cortejo. Neste dia, toda a cidade de Barbalha é despertada com folgedos, sons das bandas de pífanos, cabaçais, zabumbeiros e parte da orquestra municipal. Feita a reunião, os carregadores seguem em direção à igreja matriz da cidade em busca da bênção do padre. Recebida a bênção, ainda se reúnem em frente à igreja, onde é feita mais uma oração pedindo ao santo padroeiro da cidade que os guie até o local onde a árvore deve ser imolada. Durante o percurso, observa-se um pequeno fluxo de mulheres, em sua maioria solteiras, que vão se juntando aos carregadores, e outras nas portas a



oferecer água, como forma de incentivo a eles. Cortada a árvore, homens, mulheres e adolescentes buscam pegar um pedaço da casca para fazer seu pedido ao santo casamenteiro. Há até seguidores do santo que afirmam ser o chá o melhor da casca. A árvore de aproximadamente 25 metros de comprimento e duas toneladas é retirada da mata com auxílio de um trator e colocada na *cama*<sup>8</sup>, de onde é retirada apenas no dia da abertura oficial da festa.

Vale salientar que este evento, o dia do corte, também é acompanhado por autoridades políticas e eclesiásticas: o padre busca abençoar a cachaça ali consumida, dando legitimação sacra à festa, enquanto o prefeito da cidade, juntamente com a secretaria do meio ambiente, acompanha de perto o desenvolver da festa e aproveita o momento para fazer política local de reflorestamento da mata, buscando expressar o tão sonhado desenvolvimento sustentável.

Apesar de tudo, o tão sonhado dia é o do cortejo, o qual começa com uma grande missa logo cedo de manhã, tendo um público formado pela maioria da população local. Depois da celebração religiosa, segue-se o desfile folclórico pelas principais ruas da cidade com grupos de capoeiristas, reisados, maneiro-pau, lapinhas, quadrilhas juninas, bandas cabaçais, penitentes, guerreiros, cocos, mateus, etc. Encabeçando esse desfile vão também as autoridades clericais, deputados, prefeitos, vereadores e o capitão do pau. Nas ruas, os moradores, turistas e observadores em gerais disputam pequenos espaços com ambulantes que aproveitam o momento o ensejo para aumentar a renda local. Neste comércio, vê-se, desde imagens sacras – terços, estátuas e crucifixos, passando por lembranças da cidade: cartões-postais, fitas com o nome do padroeiro – a bebidas alcoólicas, comidas típicas da região, divertimentos lúdicos (parques de diversões) e, é claro, prazer carnal em alguns prostíbulos da cidade disfarçados de bares.

Enquanto todas estas atividades estão sendo desenvolvidas sob o olhar da igreja (Religioso), no Sítio São Joaquim, a sete quilômetros da matriz, desde cedo, homens brincam e se embriagam com a conhecida “cachaça do vigário”, ao som de zabumbas, triângulos e pandeiros. Tudo como um preparo para carregar o tronco da árvore imolada. Neste instante, muitas anedotas são contadas, homens ébrios são deixados no percurso, e, ainda, brincadeiras completamente contraditórias à ordem hierárquica imposta pela igreja são feitas. Isto, porque o cortejo é, para muitos, uma festa à parte a começar às 09:00 horas da manhã e só adentrar na zona urbana por volta das 13:00 horas. É ainda nesta ocasião que mulheres e moças solteiras buscam realizar o sonho do casamento, se aventurando a tocar no pau (Profano). Para a confeccionista da bandeira,



Sandra Sobral, o momento sublime da festa é o hasteamento da bandeira, por ser o encontro do religioso e com o mundano:

Bom, pra mim a Festa de Santo Antônio tem dois significados: um profano e um religioso. O profano é representado pelo pau e o religioso pela bandeira em si. Então quando há o encontro do profano com o religioso que é justamente com o hasteamento da bandeira, então ai há a junção. Eu acho! O sentido verdadeiro pra mim. A bandeira representando o religioso e o pau o profano, com as festividades, os palco, os shows, o cortejo do pau. (...) A bandeira significa o que? As trezenas de Santo Antônio, a quermesse e também a procissão.<sup>9</sup>

Como atesta a citação, nota-se ser a festa religiosa, muito além do sentido aparente do termo, pois representa não só uma manifestação do poder católico, mas também constitui um símbolo de comunicação popular.

### **3. O pau da bandeira como símbolo de um processo Folkcomunicacional**

Partindo do pressuposto de que ‘todos nós estamos presos a uma rede de significados chamada por nós de ‘cultura’ (GEERTZ, 1978), podemos considerar que uma festa centenária como o pau da bandeira faz parte do povo barbalhense, especificamente, da cultura cearense, e que, através de uma forma popular de comunicação, conseguiu sobreviver, ao longo dos tempos, e chegar aos dias atuais. Comprova-se isto com depoimento do carregador Edvan Pereira:

A questão histórica foi sempre por conta de meus tios. Meus tios sempre foram envolvidos nesse trajeto, nessa cultura de carregar o pau, meus tios, eles ao longo de décadas passadas foram pessoas de fundamental importância para que a festa hoje venha se realizando com a dimensão que ela vem se realizando hoje, como você [o pesquisador] mesmo frisou a festa, ela não é mais da Barbalha, nem do Ceará, ela é uma festa posso considerar nacional, e meu fator histórico de participar além da questão da devoção pessoal minha, né! Vem essa questão também de meus familiares, de serem sempre carregadores e me despertou aquele interesse! É!<sup>10</sup>

Se observarmos a teoria da comunicação de Luis Beltrão (1980), intitulada ‘Folkcomunicação’, perceberemos a concepção de comunicação como ‘criadora/mantenedora’ de costumes e, também, formadora de opinião, não sendo, pois, feita apenas pelas grandes mídias e de forma institucional. Isso se torna claro na citação



acima, quando se é enfatizado várias vezes de onde partiu o interesse em se tornar um carregador. Nesse sentido, comunidades com sociabilidades e reverências a santos protetores procuram preservar costumes através da comunicação oral – rezas, músicas, etc. – devido ao fato de ser esta mui eficiente na divulgação de fatos e crenças, na medida em que suas práticas e expressões seriam uma forma de linguagem sobre sua realidade, neste caso, a festa do “Pau da “Bandeira”. Por isso, o cortejo do pau de santo Antônio parece, de certo modo, ser o certificado de garantia do poder do santo, pois alguns comunicam os pedidos atendidos.

Antes de se compreender o pau da bandeira como símbolo de um processo folkcomunicacional, faz-se necessário, a priori, entender este a partir de Beltrão (1980) o qual considera uma fonte (pessoa) como transmissora de uma ‘mensagem’ por um ‘canal’ (meios de comunicação de massa), que faz ‘chegar a uma audiência’ na qual estão contidos os líderes de opiniões, chamados por ele de ‘líderes-comunicadores’. Enquanto num processo comunicacional padrão (fonte-mensagem-canal-receptor) o fluxo pararia por aqui, o folkcomunicacional, neste aspecto, inicia um novo ciclo no fluxo da mensagem: os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando, então, ao que o estudioso citado denominou de ‘Audiência Folk’:

Eu também em 97, com uns 14 anos comecei andar por ali, mas nunca peguei, porque ele – Edvan né! Pedro, as pessoas não deixavam né! Questão de idade. Ai em 2000 que foi o pau de Meireles [Um ex-capitão do pau] que teve aqui [Barbalha] ai foi quando eu falei é agora! Fui peguei e até hoje. Aliás, este ano faz 10 anos. De 2000 pra cá faz 10 anos. Meu tio já foi capitão e eu via aquilo né! Aí eu sempre fui acompanhando até que em 2000 eu fui e peguei e até agora!<sup>11</sup>

Observando-se a festa do pau da bandeira, sob uma perspectiva beltraniana, pode-se considerar o “Capitão do Pau” um líder comunicador que, através de um canal folk, atinge a ‘Audiência Folk’: o grupo de carregadores.

Sobre a audiência folk, afirma-se ser esta formada por ‘grupos marginalizados’ da sociedade, havendo, porém, para a expressão destacada diversas conotações. Assim, viu-se como relevante buscar a definição, para nós, mais conveniente. Marginal é tido como ‘um indivíduo à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e se fundiram totalmente’, sendo, além disso, possível identificar-se três tipos de grupos marginalizados a compor a audiência folk: os grupos rurais





marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados. (BELTRÃO, 1980: 39). Partindo desta definição, declara-se estarem os carregadores do pau da bandeira inseridos nos três grupos, sendo a maioria proveniente da zona rural, trabalhando, inclusive, próprio no campo; outros residem na cidade, contudo, perpetuam uma cultura rural; e os últimos, por sua vez, mesmo não nascidos na cidade, assimilando uma cultura urbana e cursando uma universidade, identificam-se com o santo e a festa do pau, por ser esta muito forte, conforme já citado pelo carregador Hermano.

Ainda pela folkcomunicação, pode ser vista a maneira de a comunidade local se comportar e se transformar, uma vez que, através da leitura dela, chega-se a resultados e conclusões do tipo: conhecer melhor as necessidades da comunidade; o teor de devoção do santo padroeiro; a quantidade de visitas a lugares sagrados; a interação entre as classes sociais; etc. Para Marques de Melo:

são nestas festas populares, que as classes sociais interagem dialeticamente, coexistindo de forma aparente, mas na verdade enfrentando-se, ora sutil, ora de modo ostensivo, na tentativa de conquistar a hegemonia cultural. Por isso mesmo, elas se caracterizam como processos comunicacionais, na medida em que agentes socialmente desnivelados operam intercâmbios sógnicos, negociam significados e produzem mensagens coletivas, cujo conteúdo vai se alterando conjunturalmente, sempre de acordo com a correlação de forças em movimento. (2008:77).

E é exatamente devido à estas interações e a este perfil comunicacional imprimido à festa que o seu perfil primitivo vai-se evadindo. A exemplo, eis as bandas cabaçais a incluir novos instrumentos, o triângulo, em sua essência. Dessa forma, percebe-se ser a ‘Audiência Folk’ a responsável pelo “novo padrão” de interação sociocultural, o que acarreta a ‘carnavalização de festas religiosas’, assunto do próximo capítulo.

#### **4. A carnavalização de uma festa religiosa**

É sabido que o ‘Cortejo do Pau da Bandeira’ teve início em 1928, sob o comando do padre José Correia Lima, administrador da paróquia de Barbalha, de 1930 a 1940. Conforme, Sandra Sobral<sup>12</sup>, confeccionista da bandeira do santo, o padre pedia a alguns fiéis para trazerem um mastro, onde deveria ser hasteada a bandeira do padroeiro



da cidade: “esse mastro deveria ser mais alto que o telhado das casas, para que todos os fiéis conseguissem ver a Bandeira. Quando os devotos a visualizavam-na hasteada, saberiam que já havia começado a festa de Santo Antônio.”

Como nota-se, a festa partiu de uma iniciativa da igreja. Segundo Océlio de Souza (2000: 35-36), ‘o cortejo nasceu e se consolidou enquanto experiência religiosa popular dentro de uma relação de tensão e circularidade com a igreja de Barbalha’, ou seja, entre a religiosidade popular e a religiosidade pregada pelo clero.

Com o passar do tempo e a modernização de alguns aspectos da festa, vê-se esta assumir características carnavalescas e a integrar objetos do folclore e de outras culturas nordestinas advindos de outros rituais. No início da festa, por exemplo, era notória a presença de zabumbeiros por toda parte da cidade. É o que relata o senhor Augustinho José dos Santos:

Hoje têm dois, três zabumbas. Naquele tempo eram dez, dozes zabumbas. Todos os zabumbas de Barbalha, da periferia de Barbalha, do município, os zabumbas da Esteira, da Lagoa, os dos Caldas, da Arajara, do Pelo Sinal, do Venha Ver, do Sítio Santana, os zabumbas vinham tudo e todos eles desfilavam lado a lado com o pau. Era um delírio de zoada maior do mundo quando entrava aqui [na cidade]. Talvez fosse até maior do que hoje, porque era zabumba demais!<sup>13</sup>

Além das zabumbas<sup>14</sup>, também era marcante a presença de uma grande quantidade de alimentos como: carne e farinha e, principalmente, a cachaça, elemento indispensável, por ser extremamente significativa.

Alguns estudiosos da cultura popular do Cariri – Cariri & Barroso (1982), Figueiredo Filho (1962), Pinheiro (1950) – creem ter a zabumba influência indígena, negra e dos povos ibéricos. Já outros pesquisadores a têm como uma versão mais recente de uma banda marcial do Brasil Colônia. Apesar de tudo, se observarmos a festa no limiar do século XXI concordaremos com Marques de Melo (2008) que:

os processos comunicacionais configuram as festas enquanto espaços de diversão cultural e celebração cívica, além de analisar criticamente como a indústria midiática catalisa tais modos de pensar, sentir e agir dos grupos sociais e das comunidades. (2008:76)

Atualmente, a Festa do Pau da Bandeira conta com pequenos blocos carnavalescos formados por visitantes, antigos residentes e indivíduos de outras cidades/regiões que vêm estudar em Barbalha. Além da interação das classes sociais, o que se vê



também são: a mistura de bandas de reggae, músicas eletrônicas, paredões de forró estilizados, e até mesmo um samba ter seu próprio espaço, ocasionando a perda da originalidade da festa e do seu teor religioso. No dia do cortejo do pau, por exemplo, a cidade se transforma em uma verdadeira ‘Marquês da Sapucaí’, pois boa parte dos moradores das principais avenidas alugam ou emprestam seus balcões para os ‘foliões’, que não podem se aventurar no meio da multidão, tomarem seu whisky, sua cerveja gelada e dançarem ao som de uma música baiana.

Assim, a cidade de Barbalha, como espaço geográfico, muda sua cara: vê-se placas de ambulantes oferecendo cervejas a todo preço e palcos montados para a realização de show’s de cantores de nomes nacionais. Com tanta espetacularização, recorre-se ao que Jorge Gonzáles, pesquisador mexicano, classifica de ‘frentes culturais’, ou seja, se observar a festa atual como:

Espaços sociais, entrecruzamentos e formas de relações sociais não especializadas, onde luta ou se vem lutando pelo monopólio legítimo da construção e reconstrução semiótica (modulação e modelação) de determinados elementos culturais transclassistas. (1994: 82).

Diante do exposto, é possível se exprimir que a Festa do Pau da Bandeira, como tantas outras festas populares, está deixando de pertencer a uma só comunidade. Antes, vem assumindo dimensões culturais, religiosas, políticas e comerciais, abrigando, portanto, hoje, diferentes manifestações da sociedade potencializadas pela mídia (tema de outro artigo).

## **5. Considerações Finais**

O trabalho descrito foi mui relevante por proporcionar, a priori, abordagem das várias fases da festa popular do ‘Pau da Bandeira’, mostrando ainda, através de narrativas dos carregadores, que esta festa religiosa, muito além do sentido aparente do termo, representa bem mais que uma manifestação do poder católico, é um evento no qual o povo dita suas regras/normas. Fato visto, pelas ‘oferendas de alimentações ao santo’, como gratidão pelo ano da boa colheita, bem como a cachaça (oferecida) do seu vigário, a dar força aos carregadores no transporte do mastro de aproximadamente 25 metros de comprimento e duas toneladas. Momento esse em que o sagrado e o profano andam juntos.



Além disso, destaca-se a retificação feita em relação à data da festa, por serem duas, conforme mostrada: uma oficializada pela igreja (último domingo de maio/primeiro domingo de junho) e a que os carregadores se encontram para a escolha do pau, sempre três semanas antes do cortejo do “Pau de Santo Antônio”.

Ressalva-se quão fundamental foi a teoria de Luiz Beltrão, a Folkcomunicação, bem aplicada à Festa do Pau da Bandeira, por dois motivos. Primeiro, contribuiu para a compreensão de como um evento deste, centenário, sendo passado de pai pra filho, constitui uma forma de se manutenção de uma cultura. Segundo, identificar quem compõe a audiência folk, camadas marginalizadas de uma sociedade (carregadores) e o Líder comunicador no papel do “capitão do pau”, ambos desempenhadores do papel comunicacional da festa. É nesse processo comunicacional, onde as várias camadas da sociedade interagem, que a festa, além do seu papel puramente religioso, passa a ter um formato/caráter mais popular.

Além de tudo, viu-se que a midiaticização da Festa do Pau da Bandeira, a forma carnavalesca com que ela se apresenta, chama a atenção dos mais velhos e de pesquisadores que estudam as festas religiosas, pelo fato de nela ser marcante a presença de políticos, da imprensa e de entidades privadas, tentando beneficiar-se na mesma.

Ainda neste sentido vale ressaltar o pensamento de Marques de Melo (2008; 78): “As festas passam a ter valor conteudístico, preenchendo espaços na programação das emissoras de rádio ou televisão, bem como motivando reportagens e coberturas nos jornais diários e revistas semanais”. É neste momento, onde uma parcela da população barbalhense se identifica com sua cidade natal.

## NOTAS

<sup>3</sup> Também conhecida como Festa do Pau de Santo Antônio.

<sup>4</sup> O ex-voto é a designação erudita onde podem ser enquadrados nossos *milagres e promessas*. São oferendas feitas aos santos de particular devoção ou especialmente indicados por alguém que obteve uma graça ou milagre implorados, como um testemunho público de gratidão. Eram muito utilizados na antiguidade greco-romana. Embora sua origem seja desconhecida, sabe-se que foi difundido por volta do ano 2000 a. C. O ex-voto é colocado em local público ou de acesso coletivo e apresenta uma série de formas testemunhais: GASPARG, Lúcia. *Ex-votos. Pesquisa Escolar On-Line*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 28 de fev. de 2010.

<sup>5</sup> Carregador, Joel Freitas, entrevista concedida em 02 de julho de 2009.

<sup>6</sup> Pe. Renato Semoneto, entrevista concedida em 20. junho de 2009.

<sup>7</sup> Aspecto que será discutido no ponto três deste trabalho

<sup>8</sup> Cama é o local chamado pelos carregadores, onde o tronco da árvore é posto para secar, ou seja, perder água e com isso, automaticamente, peso.

<sup>9</sup> Confeccionista da bandeira de Santo Antônio, Sandra Sobral, entrevista concedida em 22. Junho de 2009.



<sup>10</sup> Carregador, Edvan Pereira, entrevista concedida em 02 de julho de 2009.

<sup>11</sup> Carregador Hermano Feitosa. Entrevista concedida em 02 de julho de 2009.

<sup>12</sup> Confeccionista da bandeira de Santo Antônio Sandra Sobral. Entrevista concedida em 22. Junho de 2009.

<sup>13</sup> Entrevista concedida ao pesquisado Océlio de Souza e aplicada à sua dissertação de mestrado 'A festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio de Barbalha-Ce: entre o controle e a autonomia (1928-1998)', Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> Zabumbas também são conhecidas como bandas cabaçais.

## 6. REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

CARIRY, Rosemberg & BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa: estudos e reportagens**. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982.

DURKHEIM, Emile. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris: PUF, 1968.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária 1962.

GASPAR, Lúcia. Ex-votos. Pesquisa escolar on-line. In: **Fundação Joaquim Nabuco**. Recife. Disponível em:  
<<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=302&textCode=726&date=currentDate>>. Acesso em 28 de fev. de 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONZALES, Jorge. **Exvotos y retablitos: comunicación y religión en México**. In: GONZALES, Jorge. **Cultura(s)**. Colima: Universidad de Colima.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

PIENHEIRO, Irineu. **O cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: S. Ed., 1950

SOUZA, Ócelio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de Santo Antonio de Barbalha-CE: entre o controle e a autonomia - 1928-1998** – (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro 2000.

ZALUAR, Alba. **Milagre e castigo divino**. *Religião e Sociedade*, vol. 5, p. 161-187, 1980.

